

# ANARCOSSINDICALISMO E SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO<sup>1</sup>

Lucien van der Walt

## INTRODUÇÃO

O anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário [ou, simplesmente, o sindicalismo de intenção revolucionária] concentram-se na reivindicação de que os sindicatos – construídos por meio de lutas diárias, práticas radicalmente democráticas e educação popular – constituem uma força insubstituível para defender e estender conquistas e direitos da classe trabalhadora, e são alavancas cruciais para a revolução social. Ação direta, solidariedade, autoatividade e desenvolvimento de conhecimento técnico e político são meios para permitir a acumulação de forças individuais e organizativas para uma greve geral revolucionária (ou para um “locaute geral” da classe capitalista), na qual trabalhadores ocupam seus locais de trabalho, tomam o controle dos meios de produção e constroem uma ordem socialista livre, baseada na autogestão, no planejamento participativo vinculado a assembleias e conselhos, e na produção voltada para a necessidade e não para o lucro ou para o poder de uma minoria dominante.

Essa tradição reivindica um sindicalismo radicalmente democrático, que busca organizar a classe trabalhadora contra as desigualdades econômicas e sociais, contra os preconceitos e o regionalismo exacerbado, para além das fronteiras dos Estados. Ela rejeita as formas burocratizadas e centralizadas de sindicalismo, que veem seus membros como um grupo passivo a ser conduzido ou provido de serviços. Ela também rejeita o sindicalismo corporativo [business] economicista, que tem por foco apenas os salários, as condições de trabalho e as negociações regulares, assim como o “sindicalismo político”, daqueles sindicatos aliados a partidos políticos, que buscam a conquista do poder de Estado.

Em vez disso, o sindicalismo de intenção revolucionária promove um sindicalismo militante e classista, que enfatiza a importância da ação revolucionária

---

<sup>1</sup> Neste artigo, o termo “syndicalism”, que intitula o próprio texto, foi traduzido como “anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário” ou como “sindicalismo de intenção revolucionária”. Para uma explicação mais detalhada acerca do motivo de tal escolha, ver a “Nota sobre a utilização terminológica e tradução” de um outro texto deste autor: <https://ithanarquista.wordpress.com/2019/07/05/lucien-van-der-walt-anarquismo-sindicalismo-de-intencao-revolucionaria-e-anti-imperialismo/>. (N. T.)

autônoma baseada na solidariedade, no internacionalismo e na ação direta, da maneira mais inclusiva possível; “um grande sindicato” [“One Big Union”, conforme lema do Industrial Workers of the World (IWW)]. Ele contrapõe as divisões na “classe trabalhadora”, entendendo-a como todos os trabalhadores assalariados sem poder (não apenas os trabalhadores industriais), tanto urbanos quanto rurais, os trabalhadores informais, suas famílias e os desempregados. Trata-se de uma forma de sindicalismo que visa a uma unidade popular transversal às profissões, às indústrias e aos países. Ela fomenta a polarização entre a classe trabalhadora e a “classe dominante” – entendendo-a como uma classe que inclui tanto os capitalistas quanto os altos oficiais de Estado – e a solidariedade com o campesinato, ou seja, os pequenos agricultores submetidos ao controle e à exploração de outras classes, incluindo arrendadores.

Sua perspectiva é internacionalista e solidária, enfatizando os interesses de classe comuns no mundo todo, a necessidade de unir a ampla maioria da humanidade – a classe trabalhadora e o campesinato – para estabelecer uma oposição a todas as formas de opressão. Isso se reflete na consigna “Um ataque a um é um ataque a todos” [An Injury to One is an Injury to All, também lema do IWW], cunhada por sindicalistas revolucionários dos Estados Unidos. Ela sustenta que o capitalismo e o Estado contribuem para gerar e reforçar um amplo conjunto de opressões, como a guerra e a opressão nacional. E que a criação de um novo sistema social igualitário, fundamentado na redistribuição massiva de poder e riqueza, é essencial para acabar com várias opressões e seus legados.

Nessa forma de sindicalismo, tal transformação é inconcebível sem organizar aquilo que Karl Marx chamou de “morada oculta da produção capitalista” para uma tomada direta dos meios de produção – o que significa que a luta sindical é *insubstituível*. Classe não é a única forma de opressão e, algumas vezes, não é a pior em termos de sofrimento; mas, a luta de classes e a unidade de classe são essenciais para derrotar todas as formas de opressão. A ênfase desse sindicalismo na luta de classes, portanto, não implica um foco “economicista” ou “obreirista”; trata-se de um projeto revolucionário de solidariedade e globalização de baixo para cima.

O anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário adotam uma perspectiva possibilista para o trabalho revolucionário: veem as reformas imediatas como algo possível e lutam ativamente para melhorar as condições diárias e as capacidades de luta dos trabalhadores; eles *não são* reformistas, visto que não se restringem às reformas. Ainda que as reformas – econômicas, políticas e sociais – sejam valiosas por si mesmas,

lutar por reformas é um meio de acumular sistematicamente poder e capacidade para a guerra de classes. Segundo tal perspectiva, as reformas são importantes, mas sempre são limitadas e se desgastam continuamente; elas são incapazes de acabar com a exploração, a dominação e as iniquidades inerentes à sociedade capitalista.

As estruturas dos sindicatos dessa tradição, desenvolvidas no conflito com o capitalismo e o Estado, formam o cerne da nova sociedade; estruturas sindicais locais proporcionam os meios para que as assembleias de trabalhadores governem democraticamente e para que estabeleçam comitês mandatados de delegados. As estruturas mais amplas, que vinculam os locais de trabalho através dos territórios, dentro e através das indústrias, proporcionam os meios para coordenar as operações dos locais de trabalho num planejamento econômico mais amplo e construído de baixo para cima, conectado por sistemas de delegação.

## **PREFIGURAÇÃO, SOLIDARIEDADE E POLÍTICA**

A concepção de revolução dessa linha de sindicalismo é, portanto, prefigurativa: os sindicatos constroem um contrapoder revolucionário, oposto às instituições da classe dominante, e uma contracultura revolucionária – ambos forjados na luta diária; os sindicatos são capazes de se engajar na resistência do presente e, assim, levar a cabo uma derrota revolucionária da classe dominante e conformar o nexos de um novo sistema social.

Em vez de, por exemplo, esperar a emergência mais ou menos espontânea de conselhos operários ou comitês de fábrica para promover a revolução, essa forma de sindicalismo deliberadamente constrói estruturas similares a eles em seu trabalho cotidiano. De acordo com a Carta de Amiens, de 1906, adotada pela Confédération Générale du Travail [Confederação Geral do Trabalho, CGT, fundada em 1895], “o sindicato, hoje um agrupamento de resistência, será responsável, no futuro, pela produção e pela distribuição, a base da reorganização social”.<sup>2</sup>

Na investida final revolucionária, há ruptura – a expropriação forçada da classe dominante – e continuidade; os sindicatos revolucionários já incorporam a estrutura básica da nova sociedade. A revolução envolve a expansão de suas estruturas radicalmente democráticas, ampliando o escopo do controle operário no sindicato e em elementos da vida cotidiana, para o controle operário do local de trabalho e da economia

---

<sup>2</sup> THORPE, W. “*The Workers Themselves*”: *Revolutionary Syndicalism and International Labour, 1913-23*. Amsterdam: IIHS, 1990, pp. 319-320.

de maneira geral. Algo que se torna possível graças à infraestrutura e às práticas diárias organizacionais, políticas e morais, que foram sendo desenvolvidas na vida cotidiana dos sindicatos revolucionários sob o capitalismo, prefigurando a nova ordem.

Visto que os meios devem apontar para os fins, o sindicalismo de intenção revolucionária não contempla o sindicalismo centralizado e burocrático, o sindicalismo corporativo [business] e o “sindicalismo político”. Há uma contradição fundamental entre utilizar o Estado – que é uma instituição hierárquica e gerida por elites políticas intimamente vinculadas às elites econômicas, ou seja, à classe dominante – e esse projeto sindical, que implica um movimento da classe trabalhadora internacionalista, revolucionário, autônomo e construído pela base.

Ainda que alguns adeptos dessa forma de sindicalismo tenham participado de eleições para postos no Estado, ela é antiestatista e antieleitoralista: partidos políticos estatistas são criticados por serem organizações pluriclassistas e elitizadas, que tratam trabalhadores e sindicatos como eleitores passivos, que promovem políticos para a classe dominante e que enredam o movimento operário no (hostil) Estado capitalista. Ela rejeita o “sindicalismo político” e a construção de partidos operários ou socialistas, que buscam tomar o poder de Estado. Alguns sindicatos revolucionários tiveram relações amistosas com partidos socialistas, mas todos eles rejeitaram o estatismo do marxismo clássico, o nacionalismo anti-imperialista e a socialdemocracia, assim como a subordinação aos partidos no caso do “sindicalismo político”.

As abordagens marxistas, incluindo as leninistas, de maneira geral não compreenderam o antiestatismo anarcossindicalista e sindicalista revolucionário, e apresentaram essa forma de sindicalismo como um tipo de luta combativa, mas restritamente economicista, ignorando as lutas para além dos locais de trabalho e não atentando para o Estado. Essa visão é profundamente incorreta.

O projeto dessa tradição sindical é revolucionário, expansivo e contra-hegemônico. Em vez de ignorar o Estado, esse antiestatismo baseia-se numa profunda análise de classe. Em vez de recusar-se ao engajamento na política, esse sindicalismo insiste que sindicatos revolucionários levantam questões relacionadas ao poder e aos direitos no local de trabalho e, de maneira mais ampla, à economia e à sociedade; ele rejeita as noções de que a política é exclusividade dos partidos ou qualquer divisão nítida entre economia e política.

Rudolf Rocker (1873-1958) insistiu, nessa direção, que o anarcossindicalismo luta por “direitos políticos e liberdades políticas”, e também contra o preconceito, o

imperialismo e a opressão; ele faz isso *fora do Estado e contra o Estado*, no campo que os sindicatos revolucionários, “fortalecidos pelo combate diário e permeados pelo espírito socialista”, podem promover o poder estrutural dos trabalhadores.<sup>3</sup> Os métodos de “combate por parte dos trabalhadores a seus opressores econômicos e políticos” incluem, em situações revolucionárias, a “resistência armada”. Da mesma maneira que os princípios da Associação Internacional dos Trabalhadores [IWA ou Internacional Sindicalista], uma federação internacional fundada em 1922, reconheciam a “violência [...] como um meio de defesa contra os métodos violentos das classes dominantes, na luta do povo revolucionário pela expropriação dos meios de produção e da terra”.<sup>4</sup> Isso deveria ser realizado por forças armadas populares, democráticas e controladas pelos sindicatos, e não entregue a um Estado que reivindica a si o protagonismo da “ditadura do proletariado”.

## DEMOCRACIA E OLIGARQUIA NOS SINDICATOS

Os anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários enfatizam que não são quaisquer sindicatos que têm condições de levar a cabo essas tarefas monumentais. Os sindicatos centralizados e burocráticos sufocam as capacidades e as atividades próprias dos trabalhadores; os sindicatos corporativistas [business] estreitam os horizontes dos trabalhadores e aceitam os aspectos fundamentais de um status-quo explorador; o “sindicalismo político” conduz à confusão, à cooptação e ao deslocamento de objetivos.

Entretanto, o sindicalismo de intenção revolucionária rejeita a posição – popularizada por Robert Michels, um antigo simpatizante do sindicalismo revolucionário – de que há uma “lei de ferro da oligarquia”. Posição segundo a qual as organizações de massas exigem lideranças especializadas e totalmente dedicadas a elas, as quais sempre terminam utilizando essas organizações para seus próprios interesses. Tal forma revolucionária de sindicalismo também rejeita uma noção relacionada, de que os sindicatos são apenas instrumentos para negociar a venda de força de trabalho e não podem, portanto, acabar com o capitalismo – e também aquela de que a burocracia sindical sempre acaba emergindo como mediadora.

Sindicalistas dessa tradição veem tais posições como excessivamente pessimistas e deterministas. Para eles, as oligarquias sindicais são produzidas pelos modelos organizativos hierárquicos, pelo envolvimento com partidos estatistas e pela

---

<sup>3</sup> ROCKER, R. *Anarcho-syndicalism*. Londres: Pluto Press, 1989, pp. 88-89, 111-113.

<sup>4</sup> THORPE, W. “*The Workers Themselves*”, p. 324.

construção deliberada de burocracias, e não da autoatividade dos próprios membros. Bastiões contrários às oligarquias e às burocracias sindicais, esses sindicalistas defendem estruturas democráticas e descentralizadas, baseadas na rigorosa delegação por mandatos e nos repasses para as bases; sustentam a necessidade de uma cultura e de uma autoatividade democráticas e de base; defendem a diminuição dos funcionários sindicais completamente dedicados, em favor do engajamento voluntário e do autossacrifício; sustentam a necessidade de colocar todos os funcionários remunerados do sindicato sob rigoroso controle democrático, limitando ao máximo seu poder e seu salário. Não há razão para que as negociações sindicais não aconteçam em reuniões amplas, envolvendo deliberações democráticas e mandados restritos; essas negociações não devem ser feitas apenas por especialistas.

Na realidade, há inúmeras evidências de sindicatos e outras organizações de massas que evitam ou mesmo superam as oligarquias internas. A noção de que os sindicatos sempre se restringem às disputas coletivas dentro do capitalismo também é falsa, como mostra a história do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário. Alguns episódios serão discutidos a seguir.

## **ORIGENS, INFLUÊNCIAS E RELAÇÃO COM O ANARQUISMO**

As origens do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário têm sido objeto de controvérsia. Atribui-se a Werner Sombart o argumento de que Georges Sorel (1847-1922) foi o principal teórico dessa linha sindical, posição que converge com a afirmação de que esse sindicalismo surgiu com a CGT francesa, nos anos 1890. Segundo esse argumento, tal forma de sindicalismo seria uma ideologia nova e distinta, mesmo sendo possível notar certas influências de tradições mais antigas, como o marxismo e o anarquismo. Os defensores desse argumento apresentam o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo, de um lado, e o anarquismo, de outro, como movimentos separados ou mesmo concorrentes. Como Sorel posteriormente deslocou-se para a extrema direita, algo que também aconteceu com alguns sindicalistas revolucionários (e marxistas), tais autores algumas vezes situam o sindicalismo de intenção revolucionária no campo da direita e do fascismo – e não no campo da esquerda e do socialismo –, como no caso de David Roberts.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> ROBERTS, D. *The Syndicalist Tradition and Italian Fascism*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1979.

Entretanto, ainda que o termo inglês “syndicalism” tenha como origem a CGT francesa dos anos 1890 – pois deriva de “syndicalisme révolutionnaire” (francês), “revolutionary unionism” (inglês) –, como movimento, o anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário precedem o termo “syndicalism” em algumas décadas. Sorel escreveu como alguém que chegou posteriormente e uma pessoa de fora do movimento; suas ideias – frequentemente em desacordo com as posições da CGT – foram insignificantes para o movimento. Isso significa que não há sentido em projetar as afinidades tardias de Sorel com a direita nessa forma de sindicalismo. Sorel foi influenciado pelo sindicalismo revolucionário, e não o contrário.

O cerne das posições e práticas dessa forma de sindicalismo surgiu na corrente anarquista da Associação Internacional dos Trabalhadores (a “Primeira Internacional”, fundada em 1864), identificada com Mikhail Bakunin (1814-1876). Bakunin foi influenciado pelas ideias de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), que reivindicava a auto-organização classista dos trabalhadores visando a criar uma sociedade autogerida, e também pela economia marxiana. Diferente de Proudhon, Bakunin defendia a necessidade das lutas de massas e da revolução social; diferente de Marx, ele sustentava a necessidade de sindicatos massivos e revolucionários – que “carregam em si os germes vivos da nova ordem social, e que devem substituir o mundo burguês”<sup>6</sup> – e não de partidos políticos para conquistar o poder do Estado.<sup>7</sup> O sindicalismo dos bakuninistas foi condenado por Engels no panfleto *Os Bakuninistas em Ação*, escrito em 1873. Essa forma revolucionária de sindicalismo teve continuidade no setor majoritário da Internacional, que foi impulsionado pelos anarquistas, depois da cisão de 1872 – delegados do congresso de 1873, por exemplo, defenderam a greve geral revolucionária.

Os primeiros sindicatos dessa tradição surgiram nos anos 1870, e não nos anos 1890: a Federación Regional Española [Federação Regional Espanhola, FRE], da Espanha, em 1870; o Congreso General de Obreros Mexicanos [Congresso Geral de Trabalhadores Mexicanos, CGOM], do México, em 1876; o Central Labor Union

---

<sup>6</sup> Citado em ROCKER, R. *Anarchism and Anarcho-Syndicalism*. The Anarchist Library, 2009.

<sup>7</sup> Textos fundamentais dessa tradição sindical incluem: COLE, P.; STRUTHERS, D.; ZIMMER, K. (orgs.). *Wobblies of the World: A Global History of the IWW*. Londres: Pluto, 2017; HIRSCH, S. J.; VAN DER WALT, L. *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870–1940*. Leiden/Boston: Brill, 2014; DAMIER, V. *Anarcho-Syndicalism in the Twentieth Century*. Edmonton: Black Cat Press, 2009; THORPE, W. “*The Workers Themselves*”; THORPE, W.; VAN DER LINDEN, M. (orgs.). *Revolutionary Syndicalism: An International Perspective*. Otterup/Aldershot: Scholar/Gower, 1990; BERRY, D. BANTMAN, C. (orgs.). *New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, The National and the Transnational*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2010; DARLINGTON, R. *Radical Unionism. The Rise and Fall of Revolutionary Syndicalism*. Chicago: Haymarket Books, 2013.

[Sindicato Central, CLU], dos Estados Unidos, em 1884; o Círculo de Trabajadores de La Habana [Círculo de Trabalhadores de Havana, CTH], de Cuba, em 1885, seguido pela Alianza Obrera [Aliança Operária], em 1887. Tais sindicatos faziam parte do movimento anarquista, que crescia rapidamente naquele momento: a FRE era a maior seção da Primeira Internacional, com 60 mil membros em 1873; o Congreso mexicano, com 50 mil membros em 1882, era filiado à Internacional (Negra) Antiautoritária, fundada em 1881; o CLU era vinculado a essa Internacional, por meio da anarquista International Working People's Association [Associação Internacional dos Trabalhadores, IWPA], dos Estados Unidos, a maior força do CLU; o Círculo cubano surgiu por meio da crescente influência anarquista nos sindicatos e era liderado pelos anarquistas. Nenhuma dessas organizações reivindicava-se “sindicalista revolucionária” ou “anarcossindicalista”, mas suas políticas eram as mesmas da CGT dos anos 1890 e de outras organizações sindicais contemporâneas a ela.

A ascendência sindicalista revolucionária da CGT francesa nos anos 1890 é melhor compreendida como algo que estimulou um *ressurgimento* global dessa forma de sindicalismo; não se trata, portanto de sua gênese, mas de sua segunda onda. O principal teórico do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário foi Bakunin, e não Marx ou Sorel, e essa forma de sindicalismo era parte da tradição do anarquismo “de massas”, que defendia organizações massivas prefigurativas e lutas imediatas para a construção de um contrapoder revolucionário e de uma contracultura revolucionária. Não foram todos os anarquistas que apoiaram essa linha sindical; os anarquistas insurrecionalistas, que rejeitavam as lutas por reformas e as organizações amplas e formais, o rejeitaram. O sindicalismo de intenção revolucionária constitui-se como uma *estratégia* anarquista, e não como uma ideologia distinta do anarquismo.

Isso não se altera pelo fato de alguns anarquistas terem criticado essa forma de sindicalismo, e nem pelo fato de alguns desses sindicalistas terem rejeitado o rótulo de anarquistas. Também não se altera por esse sindicalismo ter sido apresentado como algo novo, por ter sido atrelado ao marxismo por genealogias falsas e inventadas, ou por ele ter sido chamado de “sindicalismo revolucionário”, “anarcossindicalismo”, “sindicalismo industrial revolucionário” ou deleonismo. Como movimento, esse sindicalismo abarca, portanto, a tradição do Industrial Workers of the World [Trabalhadores Industriais do Mundo, IWW], que surgiu em 1905, nos Estados Unidos, e que depois se espalhou por todo o mundo.



O sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo também não estão, como algumas vezes foi sugerido, em desacordo com o comunismo anarquista. Mesmo que seja muito difícil identificar uma corrente ou estratégia “anarcocomunista”, a ampla maioria das pessoas assim identificadas na literatura, incluindo Piotr Kropotkin (1842-1921), defenderam essa forma de sindicalismo. Ao mesmo tempo, a maioria dos sindicalistas revolucionários e anarcossindicalistas reivindicou o comunismo anarquista como objetivo: uma sociedade socialista, sem Estado e democrática, baseada na distribuição de acordo com as necessidades.

### **TAMANHO E IMPACTO**

A influência e o papel histórico do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário foram substanciais, em especial entre os anos 1890 e 1920. Nesse período, anarquistas, anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários fundaram, influenciaram ou lideraram sindicatos em países tão distintos como: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, China, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Egito, El Salvador, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Guatemala, Holanda, Irlanda, Itália, Japão, México, Nova Zelândia, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Suécia, Uruguai e Venezuela.

Sindicatos espanhóis dessa tradição, notavelmente a Confederación Nacional del Trabajo [Confederação Nacional do Trabalho, CNT], fundada em 1910, tenderam a dominar as narrativas. Com aproximadamente 1,5 milhão de membros nos anos 1930 (para uma população de 24 milhões), a CNT era, em termos numéricos, o maior sindicato revolucionário existente. Entretanto, a CNT espanhola era *proporcionalmente* menor que muitos outros sindicatos dessa linha, visto que abarcava apenas metade dos trabalhadores organizados, enfrentando uma rival socialdemocrata que tinha quase o mesmo número de membros, a Unión General de Trabajadores [União Geral de Trabalhadores, UGT].

Em contraste, o anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário dominaram os movimentos operários de Argentina, Brasil, Chile, Cuba, França, México, Peru, Portugal e Uruguai, tendo sido adotados pelas maiores centrais sindicais, sem rivais mais relevantes. Por exemplo, a Federación Obrera Regional Argentina [Federação Operária Regional Argentina, FORA], fundada em 1901, era a maior central sindical na Argentina; a principal cisão entre os trabalhadores organizados no fim dos anos 1910 foi entre duas FORAs rivais. Em 1920, uma delas tinha 70 mil membros e a outra 180 mil.

Devido à estrutura de classe e à densidade sindical na Argentina, e também face a uma população de 8 milhões de pessoas (em 1914), esses números são relativamente enormes – padrão que foi similar em outros países aqui listados. A Confederação Operária Brasileira (COB), fundada em 1908, que faz parte dessa tradição sindical, dominou o movimento brasileiro, contando entre 100 e 125 mil membros, apenas no Rio de Janeiro, em meados de 1919. A Nationaal Arbeids-Secretariaat [Secretaria Nacional do Trabalho, NAS], da Holanda – formada em 1893, e que passou a fazer parte dessa tradição em 1901 – era a principal central sindical daquele país. Em Cuba, foram esses sindicalistas que lideraram as principais centrais sindicais, a Confederación Cubana del Trabajo [Confederação Cubana do Trabalho, CCT], fundada em 1895, e a Confederación Nacional Obrera de Cuba [Confederação Nacional Operária de Cuba, CNOC], fundada em 1925.

Houve também outras localidades, em que anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários constituíram minorias relevantes, particularmente na Alemanha, no Canadá, na China, nos Estados Unidos, na Itália e no Japão. Dentre os maiores casos está a Unione Sindacale Italiana [União Sindical Italiana, USI], fundada em 1912, que surgiu de uma cisão da socialdemocrata Confederazione Generale del Lavoro [Confederação Geral do Trabalho, CGL]. A USI chegou a 800 mil membros em 1920 – frente a mais de 3,5 milhões da CGL e dos sindicatos católicos, e a 1,5 milhão da CNT espanhola.

Correntes minoritárias anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias com frequência concentraram-se em regiões, indústrias e estratos específicos e, dentre eles, não raro encabeçaram os sindicatos mais importantes e exerceram destacada influência. Por exemplo, o CLU constituía a maior central sindical de Chicago, com suas 24 organizações filiadas, abarcando os 11 maiores sindicatos da cidade. Provavelmente, metade dos 100 mil membros do IWW dos Estados Unidos (em seu ápice, 1917) estavam em seu Sindicato Industrial dos Trabalhadores da Agricultura, muito forte na produção de trigo. Em 1921, essa forma de sindicalismo dominou as cidades de Cantão (Guangzhou) e Changsha, na China, tornando-se a principal força no movimento operário em ambas as cidades até 1925. A Federación Obrera Local [Federação Operária Local, FOL], fundada em 1927 na Bolívia, era a maior central sindical em La Paz e tinha uma poderosa presença em áreas rurais. No Japão dos anos 1910, essa tradição sindical foi muito importante entre os tipógrafos. Na África do Sul, o Industrial Workers of Africa [Trabalhadores Industriais da África, IWA], fundado em 1917, foi o

primeiro (e o único, durante certo tempo) a sindicalizar trabalhadores africanos negros e, em 1919, tornou-se o principal sindicato entre os estivadores africanos negros em Cape Town.

Internacionalmente, houve esforços recorrentes no sentido de vincular anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários. Ainda que a curta Internacional Negra tenha sido associada às abordagens insurrecionalistas, suas duas maiores organizações afiliadas – o Congreso do México e a IWPA dos EUA – pertenciam a essa tradição sindical. Anarquistas, incluindo aqueles que também eram sindicalistas, lutaram para permanecer na Internacional Socialista (chamada de Segunda Internacional, fundada em 1889), apesar da hostilidade marxista e socialdemocrata. Um boletim internacional sindicalista em 1907, um congresso mundial em 1913 e uma luta por espaço na Internacional Comunista (COMINTERN, 1919) foram seguidos pela formação da Associação Internacional dos Trabalhadores (IWA) em 1922, da qual fazia parte a Asociación Continental Americana de Trabajadores [Associação Continental Americana de Trabalhadores, ACAT], fundada em 1929, com presença em dez países latino-americanos. Ao mesmo tempo, o IWW contava com uma rede internacional separada, que incluía sindicatos e apoiadores em todo o mundo, incluindo África, América Latina, Ásia e Austrália.

Esses sindicalistas também estiveram ativos em sindicatos mais ortodoxos, algumas vezes aliando-se a correntes diferentes, outras como setor organizado. Inicialmente, tanto a FORA argentina quanto o Solidaridad Obrera [Solidariedade Operária] espanhol, precursor direto da CNT, uniam anarquistas e socialdemocratas. Em Porto Rico, anarquistas, anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários conformaram uma influente minoria na Federación Libre de Trabajadores [Federação Livre de Trabalhadores], fundada em 1899. No fim dos anos 1910, antes da (re)emergência da USI na Turim industrial da Itália em 1920, esses sindicalistas participaram da Federazione Impiegati Operai Metallurgici [Federação dos Operários Metalúrgicos, FIOM], que era parte da CGL.

A Syndicalist League of North America [Liga Sindicalista da América do Norte, SLNA] dos EUA, fundada em 1912, defendia “tomar por dentro” a American Federation of Labour [Federação Americana do Trabalho, AFL]. A Liga foi inspirada pela rede radical construída por Tom Mann (1856-1941) em sindicatos ortodoxos, a Industrial Syndicalist Education League [Liga de Educação Sindicalista Industrial, ISEL], fundada em 1910, que tomou como modelo as células nucleares sindicalistas

revolucionárias que conquistaram a CGT francesa nos anos 1890. Mesmo que o IWW dos Estados Unidos recusasse “tomar por dentro” os sindicatos mais ortodoxos, isso foi praticado pelo IWW da Austrália. Na África do Sul, a International Socialist League [Liga Socialista Internacional, ISL], organização sindicalista revolucionária fundada em 1915, e aquela que algumas vezes foi sua rival, a Industrial Socialist League [Liga Socialista Industrial], fundada em 1918, formaram novos sindicatos dessa tradição e participaram de sindicatos ortodoxos. A primeira fez propaganda e promoveu um movimento semiautônomo, o Workers’ Committee [Comitê dos Trabalhadores], dentro do movimento existente; a segunda conquistou posições chave na Cape Federation of Labour [Federação do Trabalho de Cape]. O Workers’ Committee da ISL tinha como modelo o Shop Stewards and Workers’ Committee Movement [Movimento Comitê dos Trabalhadores e Lojistas] – um movimento de base nos sindicatos britânicos que se iniciou com o Clyde Workers’ Committee [Comitê dos Trabalhadores de Clyde].

Anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários atuaram inclusive em sindicatos bastante vinculados a partidos-Estados autoritários. Por exemplo, eles tornaram-se uma força importante na Central Wydział Zawodny [União de Sindicatos, ZZZ] polonesa, fundada em 1931, como uma federação nacionalista e alinhada ao Estado. Na Bolívia, a maioria dos sindicatos da FOL ingressou na Central Obrera Boliviana [Central Operária Boliviana, COB], fundada em 1952 e fortemente vinculada ao governo do Movimiento Nacionalista Revolucionario [Movimento Nacionalista Revolucionário, MNR].

O sindicalismo de intenção revolucionária surgiu repetidas vezes dentro dos partidos da Segunda Internacional – exemplos ocorreram na Alemanha, nos Estados Unidos, na Itália, na Oceania e na Suécia – e em seu aliado International Secretariat of National Trade Union Centres [Secretariado Nacional de Centros Sindicais Nacionais, ISNTUC], fundado em 1901. Uma destacada corrente dessa forma de sindicalismo emergiu no Socialist Party of America [Partido Socialista da América]. O Socialist Labour Party [Partido Trabalhista Socialista, SLP], dos Estados Unidos, moveu-se da ortodoxia marxista para uma forma de sindicalismo revolucionário por volta de 1904: o deleonismo. Este teve influência na Austrália, na Irlanda (por meio de figuras como James Connolly, 1868-1916), na Escócia (notavelmente no movimento Workers’ Committee) e na África do Sul (incluindo a ISL).

Os sindicatos dessa tradição estiveram entre os maiores filiados não russos no início do COMINTERN, fato que foi ocultado com o aparelhamento protagonizado pelo

braço sindical do COMINTERN, o PROFINTERN, fundado em 1921. Naquele momento, poucos partidos marxistas vinculados ao COMINTERN tinham semelhante credibilidade, experiência, base e ímpeto de organizações como a CNT, a FORA e o IWW. A desavença com a manipulação bolchevique do COMINTERN para silenciar anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários levou à fundação da IWA.

## COMPOSIÇÃO DE CLASSE

O anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário tiveram um papel enorme na história da classe trabalhadora em sentido amplo. Sindicatos dessa linha constituíram as maiores organizações formais na história do anarquismo. Tal fato colocou sérios problemas às análises marxistas ortodoxas, que sempre apresentaram o anarquismo como uma corrente minoritária, criada por elementos pequenos burgueses (incluindo o campesinato) em declínio e desclassificados. Foram poucas as abordagens marxistas que puseram em xeque essa ortodoxia, apresentando essa forma de sindicalismo como um movimento sinceramente revolucionário (ainda que inadequado) e apoiado pelo proletariado: Leon Trotsky, por exemplo, reconheceu que esses sindicalistas “não apenas querem lutar contra a burguesia”, mas também “arrancar sua cabeça”.<sup>8</sup> Essa abordagem foi bem popular, quando, inicialmente, o COMINTERN/PROFINTERN tentava conquistar esses sindicalistas.

Ainda assim, o que marcou a maioria dos marxistas foi a tentativa de impor sua ortodoxia sobre a realidade do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário, insistindo que os trabalhadores que participavam dessa forma de sindicalismo eram artesãos, membros da pequena indústria, ou (como Antonio Gramsci) estabelecendo uma clara distinção entre líderes “pequeno-burgueses” e trabalhadores comuns da base. Contudo, as evidências sobre essa questão são muito claras. As bases do sindicalismo de intenção revolucionária envolveram trabalhadores temporários, sazonais, incluindo operários da construção, estivadores, proletários rurais; trabalhadores da indústria leve, pesada e de produção em massa, tais como operários fabris, mineiros, ferroviários; e atraíram, em menor grau, trabalhadores administrativos e qualificados como médicos, enfermeiras e professores.

A maioria dos ideólogos e dos militantes desse sindicalismo fazia parte da classe trabalhadora. Pessoas com perfil de classe média certamente tiveram um papel

---

<sup>8</sup> TROTSKY, L. “Speech on Comrade Zinoviev’s Report on the Role of the Party”. In: *The First Five Years of the Communist International*, vol. 1. Nova York: Pioneer, 1945, pp. 97-99.

importante na organização e na promoção do movimento – exemplos incluem Emma Goldman (1869-1940), o francês Fernand Pelloutier (1867-1901) e o japonês Osugi Sakae (1885-1923) –, mas não em maior medida que seus correlatos marxistas, como Engels, Gramsci, Lenin, Marx ou Trotsky. O anarquismo camponês foi importante, em particular na China, na Coreia, na Espanha, no México e na Ucrânia, mas a organização sindical do proletariado rural foi crucial no campo, se não mais importante que a organização camponesa: exemplos notáveis incluem Bolívia, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Itália e Peru.

### **INFLUÊNCIA, POLÍTICA, ALIANÇAS E LEVANTES**

O anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário – e, por meio deles, o anarquismo – também tiveram um grande impacto de outras maneiras. A importância do IWW dos Estados Unidos, por exemplo, encontra-se menos em sua estrutura formal e em seu número de membros do que no desenvolvimento de uma contracultura radical da classe trabalhadora, que contou com imagens, músicas, espaços sindicais e propaganda.<sup>9</sup> Essa organização sindical publicou milhares de panfletos, dezenas de periódicos e coordenou inúmeros espaços, bibliotecas e cursos locais, assim como reuniões e excursões massivas. A CNT espanhola, semelhantemente, esteve imersa numa densa e rica rede de centros comunitários, escolas e bibliotecas, em todas as regiões e povoados onde os anarquistas tinham presença significativa; ela também deu apoio a mais de 35 periódicos (incluindo dois diários), rádios e filmes.

Sindicatos anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários poucas vezes foram “economicistas” e envolveram-se em lutas muito mais amplas que aquelas voltadas às reivindicações salariais e por melhores condições de trabalho. As ações industriais sempre reivindicaram o controle da produção, e não apenas melhores pagamentos. Por exemplo, nos anos 1880, a Alianza Obrera de Cuba opôs-se à discriminação racial no local de trabalho; nos anos 1900 e 1910, a FORA argentina e o IWW estadunidense buscaram o controle sindical sobre as contratações portuárias; os sindicatos mineiros e ferroviários dessa tradição na Grã-Bretanha defenderam o controle operário em lugar da nacionalização – posição que foi adotada pela Amalgamated Society of Railway Servants [Sociedade de Servidores Ferroviários Unidos], em 1912.

---

<sup>9</sup> SALERNO, S. *Red November, Black November: Culture and Community in the Industrial Workers of the World*. Nova York: SUNY, 1989, p. 6.

Esforços ativos foram realizados para combater não apenas os preconceitos da classe trabalhadora, mas as opressões de raça, nacionalidade e gênero. Por exemplo, o Círculo e a Alianza de Cuba, assim como a imprensa a eles associada, combateram a discriminação racial de patrões, funcionários do governo e administradores, assim como a opressão das mulheres. A IWPA reivindicou “direitos iguais para todos, sem distinção de raça e sexo”.<sup>10</sup> Sindicalistas bolivianos e peruanos dessa linha trabalharam com movimentos de povos originários e organizaram camponeses autóctones.

Quase todas as organizações anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias – com exceção da CGT francesa, que, ainda assim, já tinha lutado anteriormente contra o imperialismo e o militarismo – opuseram-se à Primeira Guerra Mundial, num severo contraste com a maioria dos marxistas da Segunda Internacional. Algo que era parte de uma tradição mais ampla de oposição ao militarismo e ao imperialismo. Por exemplo, no México, a Casa del Obrero Mundial [Casa do Trabalhador Mundial], fundada em 1912 e que reivindicava esse sindicalismo, assim como a organização que a sucedeu, a Confederación General de Trabajadores [Confederação Geral de Trabalhadores], fundada em 1921, opuseram-se à dominação dos Estados Unidos. A Confédération Générale du Travail-Syndicaliste Révolutionnaire [Confederação Geral do Trabalho – Sindicalista Revolucionária, CGT-SR], fundada em 1926, condenava o colonialismo francês e fez campanhas contra a celebração, em 1930, do centenário da conquista da Argélia.

O IWW dos Estados Unidos rejeitou a segregação racial e a exclusão asiática; construiu poderosos sindicatos inter-raciais na agricultura, em portos e no transporte de cargas. O IWW da Austrália opôs-se à política da Austrália Branca e ao sindicalismo racista; promoveu direitos de imigrantes e aborígenes. No Egito, sindicalistas revolucionários formaram sindicatos “internacionais” em torno de linhas raciais e culturais. Na África do Sul, sindicalistas revolucionários foram os pioneiros na promoção do socialismo e da organização sindical entre os trabalhadores negros, combatendo leis e práticas racistas, e na geração de um quadro militante de negros, que incluiu Johnny Gomas (1901-1979) e T. W. Thibedi (1888-1960) – ambos os quais influenciaram os anticolonialistas nacionalistas.

Houve importantes sindicatos dessa tradição operando entre as mulheres, e notáveis greves que contaram com presença e protagonismo das mulheres, como aquela

---

<sup>10</sup> “1883 Pittsburgh Manifesto”. In: AVRICH, P. (org.), *The Haymarket Tragedy*. Princeton: Princeton University Press, 1986, p. 75.

dos trabalhadores têxteis de Lawrence, nos Estados Unidos, em 1912 – a célebre greve por “pão e rosas” do IWW. Greves gerais anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias envolveram trabalhadores não assalariados, como as donas de casa, e trabalhadores desempregados em protestos massivos, como em casos nos Estados Unidos e na Espanha. Centros sindicais locais, espaços e escolas de trabalhadores também constituíram importantes espaços para a participação das mulheres.

Essa forma de sindicalismo buscou unir homens e mulheres nos mesmos sindicatos, mas há exemplos de seções femininas que foram criadas dentro de sindicatos, ou mesmo de sindicatos exclusivos de mulheres. Exemplo notável foi a Federación Obrera Femenina [Federação Operária Feminina, FOF], parte da FOL boliviana: com 60 sindicatos em seu auge, ela engajou-se em iniciativas de cuidado infantil, cursos de alfabetização e eventos culturais. Mulheres importantíssimas defensoras dessa forma de sindicalismo incluem: Goldman, Petronila Infantes (1920-?, da FOL boliviana), Lucy Parsons (1853?-1942, da IWPA e do IWW estadunidenses), María Hernandez Zarco (1889-1967, da Casa mexicana), e Violet Clarke Wilkins (do IWW australiano).

O anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário tiveram relativo sucesso na organização de trabalhadores assalariados, mas enfrentaram desafios ao lidar com outros setores populares. Uma solução nesse sentido foi o estabelecimento de alianças. A CNT espanhola desenvolveu vínculos com uma ampla juventude anarquista, além de movimentos de mulheres e de camponeses. Outra solução foi a expansão do escopo organizativo dos sindicatos. A CGT francesa formou um ramo camponês; a Confederação Geral do Trabalho (CGT) portuguesa, fundada em 1919, abarcou grupos de arrendatários e cooperativas, assim como seções de artistas e acadêmicos. A FOF boliviana organizou comerciantes de rua e a Unión Feminina de Floristas [União Feminina de Floristas]. Esses sindicalistas também se provaram bastante flexíveis na formação de alianças com forças de outras tradições sindicais e políticas em torno de questões específicas, incluindo marxistas, católicos progressistas, socialdemocratas e nacionalistas.

É importante reiterar que os sindicalistas dessa linha organizaram, promoveram e apoiaram lutas que foram muito além dos locais de trabalho: os IWW dos Estados Unidos e do Canadá organizaram manifestações de desempregados; o Clyde Workers Committee foi central na greve dos alugueis de Glasgow, em 1915; a Federación Obrera Regional Peruana [Federação Operária Regional Peruana, FORP], fundada em 1919,



defendeu o direito dos povos originários; a Zenkoku Rodo Kumiai Jiyu Rengokai [Associação Geral Livre de Sindicatos], fundada em 1926, opôs-se à invasão que o Japão encampou na Manchúria em 1927; a CNT espanhola deu início às greves de alugueis em Barcelona.

Outros impactos são menos óbvios. O anticolonialista filipino Isabelo de los Reyes fundou o primeiro sindicato daquelas ilhas em 1902: a União Operária Democrática, influenciada pelo anarquismo e pelo marxismo, chegou a ter 150 mil membros. O Irish Transport and General Workers' Union [Sindicato Irlandês de Trabalhadores em Transporte e Geral, ITGWU], fundado em 1908, mesmo não sendo sindicalista revolucionário, foi influenciado por essa tradição e liderado por seus militantes. Har Dayal (1884-1939), um radical indiano (e liderança do IWW) sediado na Califórnia, fundou o Ghadar Party em 1913, o qual organizou uma revolta armada na Índia britânica em 1915. O Industrial and Commercial Workers' Union [Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais, ICU], fundado em 1919 em Cape Town, um movimento de massas que se espalhou desde o sul da África até a Namíbia, a Zâmbia e o Zimbábue, foi influenciado, dentre outras correntes, pelo sindicalismo revolucionário do IWW. Esse sindicalismo influenciou Sorel, e ele influenciou figuras como José Carlos Mariátegui, no Peru, e o jovem Gramsci, na Itália – este último, por sua vez, teve influência na organização obreirista Federation of South African Trade Unions [Federação de Sindicatos Sul-Africanos, FOSATU], fundada décadas depois, em 1979. Figuras da direita radical também tentaram se apropriar de elementos do sindicalismo revolucionário, notavelmente na França e na Itália.

Deve-se enfatizar que tais influências não significam que tais pessoas ou grupos que foram influenciados devam ser considerados “sindicalistas revolucionários”; eles fazem parte de um amálgama mais amplo, nem sempre com predominâncias. De los Reyes era um pequeno capitalista e líder religioso, e não um anarquista ardoroso. O Ghadar fundiu ideias anarquistas, nacionalistas indianas e outras. Mariátegui e Gramsci impressionaram-se com Sorel, mas se tornaram destacados comunistas. As ideias do ICU eram ecléticas, contando com altas doses de cristianismo, garveyismo e liberalismo. A FOSATU não era sindicalista revolucionária e seu obreirismo foi fruto de um amálgama único e complexo. Os nacionalistas radicais de direita que surgiram na USI (e no Partido Socialista Italiano) rejeitavam princípios fundamentais do sindicalismo revolucionário: expulsos numa violenta luta durante a Primeira Guerra Mundial, eles se associaram aos fascistas, confrontando anarquistas e sindicalistas

revolucionários italianos, incluindo a USI, que teve um papel heroico na luta antifascista.

A participação dos sindicalistas dessa tradição nas milícias italianas Arditi del Popolo [Soldados do Povo] são parte de um padrão mais amplo. A IWPA organizou milícias nos anos 1880, duas delas filiadas aos sindicatos do CLU; o ITGWU organizou o Exército Civil Irlandês durante o Locaute de Dublin, em 1913, ao qual se juntou Connolly, na Revolta da Páscoa de 1916; a Casa mexicana formou Batalhões Vermelhos em 1916; as manifestações da FORA, em 1919, tinham guardas armados; na Alta Silésia (hoje Polônia), os sindicalistas dessa linha formaram a organização antifascista Schwarze Schar [Bando Negro]; a CNT espanhola estabeleceu uma rede de “comitês de defesa” clandestinos nos anos 1930; os sindicalistas revolucionários poloneses da ZZZ mobilizaram unidades de combate contra os nazistas durante a ocupação.

Em vez de fugir das insurreições, os sindicatos dessa tradição envolveram-se em greves gerais de caráter insurrecional: México, em 1916; Espanha, em 1917 e 1919; Brasil e Portugal, em 1918; Argentina, em 1919 e 1922; Itália, em 1920. Dando sequência a um ciclo de insurreições anarquistas e anarcossindicalistas iniciado em 1932, a CNT espanhola protagonizou uma revolução social em 1936, envolvendo ocupações massivas de fábricas e de terras, assim como uma milícia de 100 mil membros.

## **DEBATES CENTRAIS**

Os grandes debates do sindicalismo de intenção revolucionária não têm a ver com as questões terminológicas (por exemplo, anarcossindicalismo, sindicalismo industrial revolucionário etc.). Nem com períodos, problemáticas nacionais ou internacionais. Eles passam mais por outras questões. Uma delas envolve estratégia, tática e alianças: por exemplo, alguns buscaram alianças com camponeses e outros – incluindo setores do IWW e do SLP – descartaram essa posição, supondo que os pequenos agricultores seriam varridos pela indústria moderna. Outra tem a ver com as formas organizativas. Esse sindicalismo deveria abarcar sindicatos de ofícios ou profissionais, como insistiam alguns na FORA? Deveria organizar sindicatos por indústria, como enfatizava o IWW? Ou por território, como a CNT tendia a fazer? Ou, ainda, deveria optar por uma combinação de federações industriais e territoriais, como argumentava Rocker? Questão fortemente debatida foi também a participação nos

sistemas estatutários de relações industriais e nas medidas estatais de bem-estar social, a qual tem sido base de discussões desde os anos 1950. Outros debates, notadamente na IWA dos anos 1930, discutiram se a produção em massa fordista e taylorista deveria ser abolida.

O dualismo organizacional foi outra questão: os sindicatos (revolucionários) eram suficientes ou precisavam ser complementados por organizações “políticas” específicas, como a Aliança de Bakunin, na FRE; a IWPA, no CLU; a La Social no Congreso do México (e a Luz, na Casa); o ISL, a SLNA e o SLP; ou a Federação Anarquista Ibérica (FAI), na CNT? Em caso da necessidade de complemento, como deveriam ser estruturadas essas organizações “políticas” ideológicas? Quais seriam suas funções e como se daria a relação com os sindicatos? Essas organizações poderiam usar as eleições estatais para fazer propaganda ou promover rupturas?

Isso levantou diferentes questões. Os esforços deveriam se dar no sentido de “conquistar por dentro” [boring-from-within] sindicatos existentes, como aconteceu com sucesso na França (CGT), na Argentina (FORA), na Espanha (Solidaridad Obrera) e na Polônia (ZZZ)? Ou de construir movimentos de oposição semiautônomos dentro de sindicatos ortodoxos, como o Workers’ Committee [Comitê de Trabalhadores] na Grã-Bretanha e na África do Sul? Ou, ainda, de formar sindicatos novos (“paralelos” [dual]), algo imposto aos italianos que formaram a USI, mas que foi defendido desde o início pelo IWW?

A defesa militar da revolução também foi motivo de controvérsia. Alguns acreditavam em uma revolução pacífica, esperando que o Estado fosse paralisado (ou asfixiado) por uma greve revolucionária. Outros acreditavam que confrontos armados com a classe dominante destituída ocorreriam, mas seriam vencidos rápida e definitivamente. Um terceiro grupo previu a necessidade de um esforço de guerra coordenado e constante – um cenário descrito no didático romance de 1909 escrito pelos militantes franceses da CGT Emile Pouget e Emile Pataud: *Comment Nous Ferons la Révolution* [Como Faremos a Revolução]?<sup>11</sup>

## **ANARCOSSINDICALISMO E SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO HOJE**

Em vez de declinar rapidamente depois de 1914 ou 1917, como comumente se argumenta na literatura, os sindicatos e influências anarcossindicalistas e sindicalistas

---

<sup>11</sup> POUGET, E. & PATAUD, E., *How We Shall Bring About the Revolution: Syndicalism and the Co-operative Commonwealth*. Londres: Pluto, 1990.

revolucionários atingiram seu ápice após a Primeira Guerra Mundial em países como África do Sul, Alemanha, Argentina, China, Estados Unidos, Itália, Japão, México, Peru e Portugal. Houve também um crescimento significativo em alguns territórios a partir do final da década de 1920, notadamente em países como Bolívia, Espanha e Polônia. Mas o crescimento constante dos partidos marxistas-leninistas – particularmente durante a Segunda Guerra Mundial – contribuiu para desgastar a influência dessa tradição sindical. Foram também relevantes nesse sentido: o surgimento de movimentos nacional-populistas – como o MNR da Bolívia; as constantes reformas socialdemocratas nos países ocidentais; e as ditaduras de direita e de esquerda. No final da década de 1930, sindicatos revolucionários significativos (legalizados) só existiam na Bolívia, no Chile, na Suécia e no Uruguai. Anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários franceses, poloneses e espanhóis, por exemplo, passaram à clandestinidade de 1939 em diante.

No entanto, as decisões estratégicas e táticas também tiveram consequências profundas para a sobrevivência e o renascimento desse movimento. Isso ajuda a explicar casos de influência renovada ou contínua, *apesar* dos rivais e da repressão: na França, um grande renascimento nos anos 1940 (ainda que de curta duração); na Bolívia, a predominância contínua da FOL em La Paz, a influência dessa tradição sindical na COB estatal e a sobrevivência da FOF em 1964; em Cuba, a influência nos sindicatos de transporte, alimentação, construção e eletricidade na década de 1960; além disso, a influência contínua em países como Argentina, Brasil, México, Nova Zelândia e Uruguai. As lutas dos anos 1960 e a Nova Esquerda ajudaram a promover bandeiras sindicalistas revolucionárias, como no caso do Students for a Democratic Society [Estudantes por uma Sociedade Democrática, SDS] dos Estados Unidos, que defendia um “sindicalismo revolucionário estudantil”.

O colapso da ditadura na Espanha nos anos 1970 levou a um rápido renascimento da CNT e da IWA, seguido por grandes cisões. As décadas de 1980 e 1990 contaram com novos ressurgimentos, notadamente na Europa Oriental e na África: por exemplo, uma grande filiada da IWA na Nigéria, um sindicato de mineiros do IWW em Serra Leoa e grupos fortes na África do Sul.

Hoje existem iniciativas em muitos países, mas os principais sindicatos anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionários atualmente estão nos seguintes países: Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Sibéria. De longe, o maior deles é a Confederación General del Trabajo [Confederação Geral do

Trabalho, CGT] da Espanha, que em 2004 representava quase 2 milhões de trabalhadores por meio das eleições nos locais de trabalho, e que tinha naquela ocasião entre 60 mil e 100 mil membros. Essa tradição sindical possui alguma influência em sindicatos alternativos como a Fédération des Syndicats Solidaires, Unitaires et Démocratiques [Federação dos Sindicatos Solidários, Unitários e Democráticos], na França e na Suíça. Há também muitos indivíduos que promovem posições anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias dentro de sindicatos ortodoxos.

Em geral, esse movimento é pequeno e fragmentado: a maioria de seus sindicatos está fora das principais divisões da IWA. Grandes formações, como as da Nigéria e de Serra Leoa, praticamente desapareceram. No entanto, há sinais encorajadores de crescimento e reaproximação. Por exemplo, em 2007, um encontro anarcossindicalista e sindicalista revolucionário ocorrido em Paris, na França, atraiu 250 delegados de dezenas de sindicatos de esquerda e independentes de todo o mundo; os sindicatos africanos tiveram, de longe, a maior presença continental.<sup>12</sup>

Em seus 150 anos de história, o sindicalismo de intenção revolucionária mostrou tanto capacidade de influência massiva, vitalidade e criatividade, quanto sectarismo e purismo destrutivo. É chegada a hora de essa tradição sindical mostrar seu vigor no mundo de hoje, marcado pela crise capitalista, pela desigualdade e pelo preconceito desenfreados, pela desilusão massiva com a política partidária e pelo colapso dos antigos compromissos de classe.

**\* Tradução: Felipe Corrêa e Ivan Oliveira**

\* Texto original: VAN DER WALT, Lucien. “Syndicalism”. In: LEVY, Carl; ADAMS, Matthew (orgs.). *The Palgrave Handbook of Anarchism*. Londres: Palgrave, 2019, pp. 249-263.

---

<sup>12</sup> Sobre desenvolvimentos recentes, ver: ALTERNATIVE LIBERTAIRE. “‘Espagne’: La CGT s’affirme Comme la Troisième Organisation Syndicale”. In: *Alternative Libertaire*, nov. 2004; NESS, I. (org.). *New Forms of Worker Organization: The Syndicalist and Autonomist Restoration of Class Struggle Unionism*. Oakland, CA: PM Press, 2014.